

O ESTRANHAMENTE FAMILIAR EM “QUEBRA-NOZES & CAMUNDONGO REI”, DE E. T. A. HOFFMANN

Marcelo Castro ANDREO
Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina
marceloandreo.uel@gmail.com

Adelaide Caramuru CEZAR
Universidade Estadual de Londrina
accezar@uel.br

Resumo: Objetiva-se leitura analítica de *Quebra-Nozes & Camundongo Rei* (1816), de autoria de E. T. A. Hoffmann (1776-1822), tomando como suporte ensaio de Sigmund Freud (1856-1939) intitulado “Das Unheimlich” (1919), onde o psicanalista atém-se ao estudo de outra obra de Hoffmann: “O homem da areia” (1815). Não se objetiva, no entanto, leitura psicanalítica da obra de Hoffmann. Ater-se-á à maneira como ela é construída, ou seja, a seu jogo entre o registro do cotidiano e o registro do insólito, entre a narrativa encaixante a cuidar do real ficcional e a narrativa encaixada a registrar a ficcionalidade e a maneira como sua funcionalidade é apresentada para enfrentamento de problemas concernentes ao mundo empírico.

Palavras-chave: E. T. A. Hoffmann; *Quebra-Nozes & Camundongo rei*; leitura analítica.

Abstract: *This paper aims at the analytic reading of The Nutcracker and the Mouse King (1816), written by E. T. A. Hoffmann (1776-1822), under Freud’s perspective of the essay “Das Unheimlich” (1919), where the psychoanalyst studies The Sandman (1815), another of Hoffmann’s work. However, it does not intend to approach Hoffmann’s piece in a psychoanalytic fashion. This paper will be restricted to the way the tale was built, in other words, the connection between the record of everyday life and the record of the uncanny, between the framing narrative that takes care of fiction and the embedded narrative that registers fictionality, and also to the way functionality is presented to respond to troubles concerning the empirical world.*

Keywords: *E. T. A. Hoffmann; The Nutcracker and the Mouse King; analytic reading*

Introdução

Em 1919, Freud debruça-se sobre conto de E. T. A Hoffmann intitulado “Der Sandmann” (1817), traduzido no Brasil como “O homem de areia”. O ensaio intitula-se “*Das Unheimliche*”. A preocupação básica do psicanalista, segundo suas próprias palavras, reside na compreensão de “um âmbito marginal (da estética), negligenciado pela literatura especializada na matéria” (FREUD, 2010, p. 329): o inquietante. Este, segundo o autor, “relaciona-se ao que é terrível, ao que desperta angústia e terror” (FREUD, 2010, p. 329).

Seu trabalho atém-se, inicialmente, à palavra *unheimlich*, utilizada pelo também psicanalista Ernst Jentsch para caracterizar, no caso de Jentsch, o sentimento de inquietação, estranheza, gerado pelo episódio da boneca mecânica, Olímpia, no citado conto de Hoffmann.

Não satisfeito com a colocação deste psicanalista, Freud procura novos caminhos, atendo-se, inicialmente, à palavra *unheimlich* (estranho, inquietante...), da qual, neste primeiro momento de seu ensaio, afirma o seguinte:

A palavra alemã *unheimlich* é evidentemente o oposto de *heimlich*, *heimlich*, *vertraut* [doméstico, autóctone, familiar], sendo natural concluir que é algo assustador justamente por não ser conhecido ou familiar. Claro que não é assustador tudo o que é novo e não familiar; a relação não é reversível (FREUD, 2010, p. 331).

Esta colocação, no entanto, não o satisfaz. Efetiva percurso por diferentes idiomas sem alcançar dados significativos, uma vez que, segundo sua pesquisa, “muitas línguas não têm uma palavra para essa particular nuance do que é assustador” (FREUD, 2010, p. 332). Freud parte, então, para o *Dicionário da língua alemã*, de Daniel Sanders (1860), onde, depois de longa busca, conclui que a palavra *unheimlich*, entre seus possíveis significados, oferece um que coincide com seu antônimo, *heimlich* (familiar, íntimo, natural), pois este termo “pertence a dois grupos de ideias que, não sendo opostos, são alheios um ao outro: o do que é familiar, aconchegado, e do que é escondido, mantido oculto” (FREUD, 2010, 338). Dentre os exemplos extraídos deste dicionário, Freud destaca, em itálico, o seguinte:

Os Zecks são todos “heimlich”. “Heimlich”? Que entende você por “heimlich”? Bem... com eles tenho a impressão que teria com uma fonte enterrada ou um lago secado. Não se pode passar ali sem achar que a água poderia novamente aparecer.” Nós chamamos a isso unheimlich; vocês, heimlich. O que o faz pensar que essa família tem algo de oculto e não confiável? (GUTZKOW, apud FREUD, 2010, p. 335).

Tal dado remete Freud a Schelling que afirma ser *unheimlich* “tudo o que deveria permanecer secreto, oculto, mas apareceu” (FREUD, 2010, p. 338). Trata-se, pois, do recalcado que vem à tona. Em busca da confirmação de tal colocação, recorre ao *Dicionário alemão* (1877) dos irmãos Grimm, e assim conclui esta primeira parte de seu ensaio:

[...] *heimlich* é uma palavra que desenvolve seu significado na direção da ambiguidade, até afinal coincidir com seu oposto. *Unheimlich* é, de algum modo, uma espécie de *heimlich*. Mantenhamos esse resultado, ainda não muito bem esclarecido, juntamente com a definição do *unheimlich* feita por Schelling. O exame individual dos casos do *unheimlich* tornará compreensíveis essas alusões (FREUD, 2010, p. 340).

Só então Freud adentra-se no conto “O homem da areia”, de Hoffmann, buscando em sua especificidade artística a construção de “o estranhamente familiar”. É o que buscamos a partir deste instante em outro conto de E. T. A Hoffmann: *Quebra-Nozes & Camundongo Rei*. Haverá em sua estrutura o registro de algo que devia ter permanecido oculto e que, no entanto, veio à tona, gerando em personagens e leitores o inquietante?

Trata-se de conto publicado pela primeira vez em 1816 e, em seguida, em 1819, inserido na coletânea denominada *Irmadade Serapião*. Há no conto duas narrativas. A primeira delas inicia-se no dia 24 de dezembro e termina uma semana ou uns dez dias depois. Não há marca certa de tempo. Não menos que sete dias, pois no capítulo intitulado “Tio e

sobrinho” lê-se: “A Marie teve de ficar de cama quase uma semana, porque, toda vez que tentava se levantar, sentia tontura” (HOFFMANN, E. T. A. *Quebra Nozes & Camundongo Rei*. Trad. de Bruno Berlendis de Carvalho. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores, 2011, p. 70¹). A segunda narrativa inicia-se no capítulo intitulado “A história da noz dura” e é narrada pelo desembargador Drosselmeier, padrinho de Marie, durante a semana em que ela fica enferma na cama. Esta narrativa está sempre entre aspas e é cortada aqui e ali para marcar sua inserção na realidade do dia a dia da família Stahlbaum. Tem a duração de três sessões e termina no capítulo anterior àquele já citado: “Tio e sobrinho”.

Na primeira narrativa há dois tempos: (a) aquele que se passa durante o dia, ou, melhor dizendo, no tempo de vigília das personagens, fazendo-se presente a família Stahlbaum – o pai, superintendente de medicina, a mãe, os três filhos: Luise, Marie, Fritz – o desembargador Drosselmeier, padrinho das crianças; (b) aquele que se passa durante a noite, no sono de Marie, ou seja, em seus sonhos, tendo como personagens Marie e seus bonecos, bem como o padrinho, Dindo Drosselmeier. Acontece que existe, conforme já foi dito, uma segunda narrativa inserida bem ao meio da primeira, no momento em que Marie, acamada, não sabe como resolver os problemas surgidos na primeira narrativa, aqueles surgidos em seus sonhos. Será esta segunda narrativa, narrada por Dindo Drosselmeier, que oferecerá a Marie condições para solucionar os problemas não resolvidos de seus sonhos. O material oferecido pela história de Dindo Drosselmeier permitirá a Marie cumprir a tarefa solicitada por seu pai, conforme é revelado na seguinte passagem em que se dirige a sua filha: “ – Já que gostou tanto de nosso amigo Quebra-Nozes, querida Marie, você ficará encarregada de cuidar dele e protegê-lo, mesmo que Luise e Fritz tenham tanto direito a ele como você, como eu disse” (p. 23).

1. O real ficcional

A primeira narrativa tem como cenário a casa da família Stahlbaum, apresentada como espaço de elite econômica e cultural alemã. O primeiro capítulo, “Véspera de Natal”, inicia-se no final da tarde de 24 de dezembro. Duas crianças, Marie, de sete anos, e seu irmão, também criança, porém mais novo, Fritz, acompanham, à distância, apenas pela audição e não pela visão, os preparativos da sala em que transcorrerá a festa natalina. Há muita expectativa no que tange aos brinquedos a serem recebidos. As crianças sabem que eles serão de duas espécies: a) aqueles oferecidos pelos pais e dos quais poderão dispor como quiserem; b) aqueles oferecidos pelo padrinho Drosselmeier e dos quais não poderão dispor, pois são sempre construídos com tanto esmero pelo padrinho que os pais das crianças acham por bem guardá-los – ainda que no armário de brinquedos – como preciosidades. Farta descrição é feita deste senhor que desempenhará papel de destaque na narrativa como um todo, estando presente em cada uma delas. Segundo nos revela o narrador onisciente, trata-se de figura grotesca, conforme registra seu aspecto físico já neste primeiro capítulo do livro: “não era um homem nada bonito. Era pequeno e magricelo, tinha muitas rugas no rosto, um tampão preto no lugar do olho direito e nenhum fio de cabelo na cabeça. Por isso usava uma linda peruca branca, feita de vidro, uma verdadeira obra de arte (p. 11). Além de seu aspecto tenebroso, “um tampão preto no lugar do olho direito”, e de sua preocupação com a boa aparência, “uma

¹ As demais referências a esta obra limitar-se-ão ao número da página.

linda peruca branca, feita de vidro, uma verdadeira obra de arte”, Dindo Drosselmeier é apresentado como homem ativo e cheio de talentos:

Entendia de relógios e até sabia fabricar alguns. Então, quando algum relógio na casa dos Stahlbaum ficava doente e não conseguia cantar, vinha o Dindo Drosselmeier, tirava a peruca de vidro, despiá-se de sua jaqueta amarela, amarrava um avental azul e futucava o relógio com ferramentas pontiagudas a ponto de fazer Marie sofrer com isso, mas não fazia mal algum ao relógio. Ao contrário, este voltava a ficar bem saudável e se punha no mesmo momento a roncar, a bater e a cantar divertidamente, e tudo ao seu redor ficava bem alegre (p. 11-12).

É bem sugestiva a fala do narrador onisciente. Seu discurso dirige-se às crianças. Não diz: “quando algum relógio da casa dos Stahlbaum quebrava”. Diz: “quando algum relógio da casa dos Stahlbaum *ficava doente*”. Note-se outras expressões semelhantes: “*futucava o relógio*”; “(o relógio) voltava a *ficar bem saudável* e se punha no mesmo momento *a roncar*, a bater e a *cantar divertidamente*, e tudo ao redor ficava bem alegre” (p. 11-12, grifos nossos). Tal especificidade discursiva, ou seja, o emprego da prosopopeia ou personificação, faz-se presente em todo livro, não sendo, no entanto, nunca piegas. São relógios que adoecem, saram, roncam, cantam divertidamente como seres humanos, como crianças cuidadas, no caso, por Dindo Drosselmeier.

O tempo de expectativa pela noite de Natal termina ao final do primeiro capítulo quando Sr. e Sra. Stahlbaum abrem a porta da sala e convidam os filhos para entrarem. No segundo capítulo (“Os presentes”), tem-se a distribuição dos presentes, estando concordes com as solicitações das crianças. O narrador onisciente, preocupado com a comunicação a ser estabelecida com seus leitores, dirige-se diretamente a eles por seus possíveis imaginários prenomes. Como para deixar a conversa entre amigos, os prenomes apresentados confundem-se com o do personagem masculino, Frederico, ou seja, Fritz, e com os prenomes do autor: Ernesto, Teodoro (Ernest, Theodor Amadeus Hoffmann). Eis o primeiro parágrafo do segundo capítulo totalmente dirigido aos possíveis leitores, sendo no texto representado por seus narratários:

É com você mesmo que estou falando, caríssimo leitor ou ouvinte Fred... Teodoro... Ernesto... seja qual for o seu nome. E por favor: lembre da última mesa de Natal de sua casa como se a tivesse diante de seus olhos, com lindos presentes coloridos e uma vistosa decoração. Então também poderá imaginar como as crianças ficaram imobilizadas, fascinadas, e como seus olhos brilhavam (p. 15).

Conforme pressuposto pelas crianças, ganham presentes funcionais. Maria ganha um lindo vestido e, ao vê-lo, exclama: “– Ah, que vestidinho mais lindo, mais fofo! *E eu vou poder usar... com certeza... de verdade!*” (p. 16, grifos nossos). Fritz, por sua vez, ganha um alazão e também um “esquadrão de cavalaria, com seus hussardos trajando imponentes fardas vermelhas e douradas, ostentando muitas armas prateadas e montando cavalos tão fulgurantes que até pareciam feitos de prata pura eles também” (p. 16-17). Além destes presentes, ganharam ainda muitos livros ilustrados.

O esperado presente não funcional se fez também presente, tenho sido anunciado separadamente – “Justo quando elas iam começar a folhear esses livros, o sino soou

novamente. Sabiam que agora era a hora dos presentes de Dindo Drosselmeier” (p. 17). Tratava-se de um castelo no qual circulavam muitos pequenos autômatos simulando os moradores do referido castelo. Entre os autômatos havia “outro senhor que era o próprio Dindo Drosselmeier, só que de altura que mal ultrapassava a do polegar do Papai, de vez em quando saía até a porta de entrada do castelo e depois entrava de novo” (p. 18). Desejoso de entrar no castelo ou de brincar com seus moradores, Fritz irrita-se com a resposta negativa de Dindo Drosselmeier: “Ah, nada disso é possível”, disse, aborrecido, o desembargador, ‘a mecânica, quando foi feita de um jeito, deve permanecer assim’” (p. 19). As crianças voltam aos antigos brinquedos. Dindo, irritado com as colocações de Fritz e com a saída das crianças, mostra o funcionamento de seu castelo à mãe das crianças e tudo volta à normalidade. Note-se, no entanto, a presença da figura do desembargador no castelo por ele construído. É um dos muitos pequenos autômatos por ele criados para estarem no castelo. Seu papel consiste em “de vez em quando [sair] até a porta de entrada do castelo e depois [entrar] de novo” (p. 19). O padrinho oferece às crianças outros presentes, sendo um deles o Quebra-Nozes, herói da narrativa:

Via-se agora um homenzinho muito apumado, que se postava ali, calado e discreto, como se esperasse tranquilamente o momento em que chegaria a sua vez. Quanto à sua aparência, havia bem o que criticar, pois além de o tronco um tanto comprido e forte não combinar direito com as perninhas curtas e magricelas, a cabeça também parecia grande além da conta. Os trajés asseados ajudavam bastante, davam a entender que se tratava de um cavalheiro culto e de gosto refinado (p. 20-21).

Esta é a segunda descrição presente no conto. A primeira delas foi aquela do desembargador Drosselmeier. Há coincidências entre a primeira e segunda descrição, aquela do boneco Quebra-Nozes. Ambos são apresentados como grotescos e, se o segundo ainda não é visto como ativo e cheio de talentos, já se configura, tal qual o padrinho, como “culto e de gosto refinado” (p. 20-21). Será Marie quem notará a semelhança entre o padrinho e o boneco, bem como a empatia que sente por ambos: “Dindo Drosselmeier também tinha uma miserável capa desengonçada e usava um gorro comprometedor, mas nem por isso deixava de ser um padrinho tão querido” (p. 21).

Todo o terceiro capítulo do conto (“O protegido”) é dedicado ao Quebra-Nozes, havendo aí, além da descrição do mesmo, o registro da atração que desperta nas crianças, bem como a determinação do pai de que Marie deverá atuar como protetora do mesmo, sendo esta determinação assumida por Marie de maneira radical: “– Já que gostou tanto de nosso amigo Quebra-Nozes, querida Marie, *você ficará encarregada de cuidar dele e protegê-lo*, mesmo que Luise e Fritz tenham tanto direito a ele como você, como eu disse” (p. 23, grifos nossos). Todos se encantam com a competência do boneco na ação de quebrar as nozes. Fritz acaba por quebrá-lo e, de imediato, Marie assume o papel de cuidadora. A festa termina, todos vão dormir, Marie pede à mãe para ficar brincando um pouquinho mais com os brinquedos que já estão guardados no “armário alto com portas de vidro” (p. 26). É neste capítulo (“Coisas nunca vistas”) que se introduzirá nesta primeira narrativa seu segundo tempo, aquele do estabelecimento do insólito, aquele que se passa depois da meia-noite, quando todos já foram dormir:

Ela fechou o armário e já ia para o quarto de dormir quando... – atenção,

crianças! – quando surgiu baixinho, baixinho um cochicho, um burburinho e um farfalhar por toda parte, atrás da estufa, atrás das cadeiras, atrás do armário. Nisso o relógio de parede rufafa cada vez mais alto (p. 30)

Neste conto de Hoffmann, a exemplo do “Homem da Areia” analisado por Freud, existem alguns elementos do insólito, ou nos termos do próprio Freud, o *unheimlich*, inquietante, sinistro e estranhamente familiar: o duplo, a incerteza intelectual frente ao inanimado, bem como a interpretação animista dos acontecimentos; o retorno do que foi recalçado pela mente; e, finalmente, a realização dos desejos através da fantasia.

2. O Insólito a registrar o recalque

O insólito ficcional apresenta-se cortado ao meio por história contada por Dindo Drosselmeier à pequena Marie, quando convalescente. Há, pois, não só uma noite predominantemente insólita, mais parecendo pesadelo, há duas. Na primeira delas, que será agora analisada, há o registro do recalque de Marie por não ter podido cumprir com a tarefa de cuidadora do Quebra-Nozes, tarefa esta que lhe foi atribuída por seu pai na vigília da noite de Natal. A história que lhe será contada por Drosselmeier, a narrativa encaixada – preocupação do próximo capítulo deste trabalho – atuará, conforme será visto, como instrumentalização de Marie para a possível superação do recalque, que se efetivará na segunda noite de total dominância do insólito, posterior a “A história da noz dura”. Agora será, pois, enfocada a primeira destas noites, aquele ocorrido na noite de Natal, logo após a retirada de todos da sala, lá ficando apenas Marie. Para que Marie sintasse-se confortável, a mãe deixa apenas a lâmpada central com sua luz bruxuleante: o ambiente propício para as ocorrências inesperadas, sombrias, assustadoras. Passa da meia-noite, está-se no limite entre um dia e outro, o limbo. É a partir dessa hora fatídica que os eventos insólitos de *Quebra-Nozes e Camundongo Rei* começam a acontecer.

O tremular da luz faz com que Marie imagine a transformação do rosto do Quebra-Nozes frente a suas palavras a respeito de Dindo Drosselmeier. Tal impressão é logo superada pela crença de que “tinha sido a chama ligeira da luminária da sala, atingida por uma corrente de ar, que transformara o rosto de Quebra-Nozes” (p. 29). Cuidando de deixar tudo em ordem, uma vez que pretende ir dormir, abre a porta do armário de brinquedos e lá coloca Quebra-Nozes na cama da boneca Clarinha, justificando-se pelo fato dele estar ferido. Temerosa de que a boneca lhe cause dano, coloca a cama na prateleira superior, “juntinho da bela aldeia que servia de acampamento à cavalaria de Fritz” (p. 30).

A situação se complica. A coruja do relógio fala algo ininteligível sobre Camundongo Rei: “Cuco, relógio, ponteiro, todos vocês a rufar ligeiro, rufar ligeiro. – Rei Camundongo tem ouvido apurado – turr turr – tum tum só cantarolem, cantem para ele a velha modinha – turr turr –tum tum bate o dobrado, pequeno relógio, bate o dobrado, pois dele os dias estão contados!” (p. 30). Num piscar de olhos, como para tranquilizar Marie, Dindo Drosselmeier está no lugar da coruja, reduzido ao tamanho da ave, com as abas de seu casaco amarelo sobre os ponteiros como se fossem as asas da coruja. Ainda que, agoniada, a menina o chame, não responde. Trata-se de quadro próprio de pesadelo que, no entanto, é real, conforme será visto.

Marie ouve os ruídos dos movimentos dos ratos atrás das paredes e vê seus olhos através das frestas. Eles fazem tanto barulho que parecem um exército. Marie logo entende

que se trata de um exército semelhante aos dos hussardos de Fritz. O narrador dirige-se novamente ao narratário, neste caso, o caro leitor Fredinho (p. 33), afirmando que o que se passava era tão assustador que até mesmo o general Fritz entraria debaixo do cobertor. Através deste procedimento, o narrador reforça essa ligação específica da fantasia de Marie com um dos elementos da sua noite de Natal: os soldados de brinquedo de seu irmão Fritz. As imagens vão se tornando cada vez mais insólitas:

O chão logo à frente dos seus pés começou a se estilhaçar em pedacinhos de areia, cal e cacos de tijolo, como se fosse impelido por uma força subterrânea, e do solo ergueram-se sete cabeças de camundongo com sete coroas brilhantes, guinchando e assobiando terrivelmente. Em pouco tempo abriu caminho também o corpo do camundongo. As sete cabeças cresciam a partir de seu pescoço. E o grande camundongo, que tinha sete diademas como enfeite, gritou, triunfante, chiando três vezes com todo vigor para a tropa inteira, que na mesma hora se pôs em movimento e trott-trott, hop-hop – ah! Bem na direção do armário... bem na direção de Marie, que permanecia juntinho da porta de vidro do armário (p. 33-34).

O medo faz com que o personagem recue e bata seu cotovelo em cheio na porta de vidro do armário, que se fez cacos. O tumulto dos ratos cessa e ela crê que se assustaram com o estilhaçar do vidro. Ocorre novamente uma apropriação por Marie da brincadeira militar de Fritz. Ela ouve barulhos atrás de si, vindos do armário: são os brinquedos se organizando, como um exército, liderados pelo Quebra-Nozes, para a luta com o Camundongo Rei. Neste momento, ferida pelo vidro cortante, ela já está desacordada e plenamente inserida no inesperado.

Marie assumiu a tarefa de cuidar do Quebra-Nozes. Seu esforço é digno de sua gratidão. Devido a essa ideia, os acontecimentos posteriores no encadeamento dos fatos incompreensíveis colocam o Quebra-Nozes em atitude de constante agradecimento e admiração por ela. Assim, antes de entrar na batalha, recusa a oferta de um cinto enfeitado da boneca Clarinha por gratidão e dever para com Marie. Começa a deflagrar-se uma relação amorosa entre Quebra-Nozes e a protagonista, ainda uma menina, como a pressupor a instauração de um conto de fadas, conforme se pode notar na seguinte passagem:

– ‘Não queira perder a sua prenda comigo, minha dama [a boneca Clarinha], pois...’ – ele gaguejou e soltou um profundo suspiro, então arrancou depressa dos ombros a banda que Marie lhe tinha amarrado, levou-a aos lábios e beijou-a, em seguida atou-a como uma faixa de batalha e, brandindo com bravura a lâmina reluzente de sua espadinha, saltou para o chão por sobre o arremate do armário, ligeiro e ágil como um pássaro (p. 36).

Atendendo ao chamado do Quebra-Nozes, a cavalaria ligeira e os hussardos de Fritz saem de suas caixas e, juntamente com outros brinquedos, põem-se a defender seu território dos camundongos. Curiosamente, os artefatos criados por Drosselmeier e os livros ilustrados das prateleiras superiores não são sequer citados no capítulo. O exército do Quebra-Nozes é bastante heterogêneo e nele convivem “multidão de jardineiros, tirolezes, siberianos, cabelereiros, arlequins, cupidos, leões, tigres, balbuínos e macacos” (p. 41).

Marie aparece apenas como observadora da ferocíssima batalha, tornando-se o foco da

atenção do narrador apenas ao final, quando seu Quebra-Nozes se encontra em perigo de vida ameaçado pelo Camundongo Rei. Marie, frente à situação, atira seu sapato contra o inimigo. Logo todo o rebuliço se esvai, as imagens de seus brinquedos beligerantes desaparecem. Marie sente uma forte dor em seu braço esquerdo e desmaia. É o fim desta noite de terror, conforme relata o narrador no início do capítulo seguinte: “Quando Marie acordou de seu sono de morte, encontrava-se deitada em sua caminha e o sol brilhava, claro e radiante, entrando no quarto pela janela coberta de gelo” (p. 43).

3. Retorno ao real ficcional

Recém-acordada, tendo ao lado de sua cama o médico e a mãe, Marie recebe repreensões a confirmarem o ocorrido na noite anterior, de maneira a deixar claro que os fatos não constituíram um pesadelo da menina, mas uma realidade constatada pela desordem encontrada:

“Graças a Deus, acordei lá pela meia-noite e, dando falta de você tão tarde assim, levantei e fui até a sala. Você estava desmaiada no chão juntinho do armário de vidro, sangrando muito. Por pouco também não desmaiei de susto. Lá estava você estirada, e vi muitos soldadinhos de chumbo do Fritz e outros bonecos espalhados em torno de você, estandartes arrebentados, homenzinhos de pão de mel. Já o Quebra-Nozes estava sobre o seu braço machucado. E o seu sapato esquerdo, jogado ali perto” (p. 44).

Segura dos fatos vivenciados, Marie conversa sobre o insólito da noite anterior, sendo interrompida pelo médico, que acha melhor fingir acreditar em suas revelações para poupá-la de maiores esforços. As preocupações com o Quebra-Nozes persistem, revelando de forma nítida o recalque de Marie por não ter podido cumprir com a solicitação de seu pai de cuidar do brinquedo. Assim, permanece em sua mente a seguinte colocação que lhe foi feita pelo recente amigo: “Caríssima madame Marie, agradeço-lhe imenso, mas ainda pode fazer algo por mim” (p. 45). No leitor fica a dúvida: – O que pode fazer a menina pelo Quebra-Nozes? A convalescença vai transcorrendo até que Dindo Drosselmeier vem visitá-la. Logo ao vê-lo com sua jaqueta amarela, vem à mente da menina a noite tão insólita recentemente vivida. Eis a maneira como recebe o padrinho:

“Ó Dindo Drosselmeier, que malvado que você foi! Eu vi direitinho que você estava sentado em cima do relógio, cobrindo-o com suas asas para ele não bater alto, para não espantar os camundongos. Escutei muito bem quando chamou o Rei Camundongo! Por que não veio ajudar o Quebra-Nozes, por que não veio me ajudar, seu Dindo Drosselmeier feio! Se estou ferida e de cama, a culpa é toda sua” (p. 45).

Para surpresa do leitor, o desembargador entende perfeitamente as colocações da menina e responde-lhe de maneira a deixar claro que, realmente, esteve presente nos insólitos eventos ocorridos na noite da terrível batalha entre Quebra-Nozes e sua trupe e os oponentes camundongos liderados pelo rei deles. A resposta de Dindo Drosselmeier revela ser ele parte deste universo aterrorizante, conforme se nota na seguinte colocação tão próxima àquela da coruja na noite da batalha:

“Precisa roncar pêndulo –bica, tica – não queria se esforçar – maquinário e relógio – devem pêndulos roncar –roncar baixo –bate alto sino de montão – ding dong – rapariga das bonecas, tenha medo não! – os sininhos batem, já bateu – e Camundongo Rei se escafedeu – vem coruja de veloz voo – pac e pic e poc entoo – sino sino bin bin – ampulheta – tic, tac – devem pêndulo roncar – não queria se aprumar– ronca e rufa, ufa, ufa!” (p. 45-46).

Trazendo, para alegria de Marie, o Quebra-Nozes com seus dentes e queixo no devido lugar, propõe o velho senhor contar a Marie e a Fritz história da Princesa Pirlipat. Esta será uma narrativa encaixada, um conto maravilhoso à maneira dos conhecidos contos de fadas. Embora não se faça presente o tão conhecido “Era uma vez”, esta será uma verdadeira narrativa maravilhosa cujas especificidades são tranquilamente por nós aceitas.

4. Narrativa encaixada: a história da noz dura

A história é contada por Dindo Drosselmeier. Assim sendo, ela se encontra entre aspas. É contada em três longos capítulos. Será aqui sintetizada para permitir a compreensão de seu papel na narrativa como um todo. Trata-se, conforme já foi dito, de conto maravilhoso, de conto de fadas tradicional.

Nasceu uma linda princesa. O rei e a rainha deram-lhe o nome de Pirlipat. A rainha estava sempre temerosa e colocou, para cuidarem da menina, muitas guardiãs. Seis delas ficavam dentro do quarto da criança, cada uma com um gato no colo. Deviam acariciá-los todo o tempo a fim de que não parassem de rosnar.

A razão dos cuidados da rainha residia no fato de, no passado, ter sido ludibriada pela rainha do Reino de Camundólia, Madame Muserinks. Quando a rainha preparava salsichões para festa organizada pelo rei, a rainha dos camundongos pediu-lhe um pouquinho do toucinho. A mãe de Pirlipat atendeu ao pedido da senhora, mas logo os sete filhos camundongos, os parentes de Madame Muserinks, bem como suas aias atacaram a iguaria, pouco sobrando para a feitura dos salsichões reais.

Irado, o rei chamou o relojoeiro e vidente real cujo nome era o mesmo do padrinho da menina Marie: Christian Elías Drosselmeier. Este engenhoso senhor inventou ratoeiras e as colocou ao redor da residência de Madame Muserinks. Seus filhos, aias e parentes foram mortos. A senhora jurou vingança à mãe de Pirlipat: “Meus filhos, parentes e aias foram executados. Cuidado, dona Rainha! Tome muito cuidado, que a Camundonga Rainha dilacera sua princesinha com os dentes...!” (p. 54). Certa noite, a Camundonga Rainha chegou ao berço da linda princesa e transformou-a em uma criança horrível:

no lugar da cabecinha de anjo alva e rosada com cachos dourados, via-se uma cabeçorra grossa e disforme em cima de um corpo minúsculo e retorcido, os olhinhos azuis haviam se transformado em verdes e vidradas órbitas esbugalhadas e a boquinha se esgarçava de uma orelha à outra (p. 56-57).

O rei atribuiu a responsabilidade do ocorrido ao “relojoeiro real e vidente Christian Elis Drosselmeier, da cidade de Nurembergue” (p. 57). Ele seria condenado à morte se não devolvesse a beleza à princesa. Depois de muito pesquisar, juntamente com o astrônomo do

reino, chegou à conclusão de que a beleza deveria retornar à menina se ela comesse o miolo da noz Krakatuk. Quem deveria quebrar a noz nos dentes e oferecê-la à princesa era um jovem “que jamais se barbeara e nunca calçara botas” (p. 64). Ao entregá-la à princesa deveria fechar os olhos e dar sete passos para trás. Depois de anos em busca da noz e do jovem, finalmente ambos foram encontrados, sendo o jovem que deveria desfazer o feitiço sobrinho de Drosselmeier, o relojoeiro e vidente do reino. Acontece que, depois de ter oferecido à menina o miolo da noz e, desta forma, ter-lhe restituído a beleza, o jovem Drosselmeier atrapalhou-se no sétimo passo, uma vez que pisou sobre Madame Mauserinks, a rainha dos camundongos, matando-a. Como atrapalhou-se no sétimo passo, a feiúra da menina recaiu sobre ele: “O corpo tinha se atarracado e mal podia sustentar a cabeçorra disforme com grandes olhos esbugalhados e a bocarra desproporcional e assustadoramente escancarada. No lugar da trança pendia de seus ombros uma pequena capa de madeira, conectada à mandíbula” (p. 68). Antes de morrer, a rainha dos camundongos lançou ao jovem Drosselmeier uma maldição:

“Ó Krakatuk, dura noz – de minha vida foste algoz – uiui, dridri – se hoje me leva à morte, não será diversa a tua sorte, pois meu filhinho de sete coroas te dará surra das boas, te pagará, Quebra-Nozes, na mesma moeda, a ti vingança ele enreda – ó fresca e bela vida, é hora da despedida! Quik”. (p. 68-69).

Atordoado com a sorte do sobrinho, Drosselmeier consultou o astrônomo para saber do futuro do Quebra-Nozes. Foi-lhe transmitido que “sua monstruosidade só teria fim quando matasse com as próprias mãos o filho de sete cabeças de Madame Mauserinks (nascido após a morte dos outros sete, e que, no futuro, se tornaria Camundongo Rei) e quando ganhasse o amor de uma dama, apesar daquele aspecto” (p. 69).

A previsão do destino do Quebra-Nozes narrada à pequena Marie instrumentaliza-a para cumprir a determinação do pai de ser sua protetora. Assim sendo, a narrativa encaixada justifica sua função: trata-se de explicação para os fatos ocorridos na sinistra noite de Natal na qual o Quebra-Nozes e os brinquedos ganharam vida e perderam a batalha contra o Camundongo Rei.

5. Retorno ao real ficcional

Marie entende perfeitamente a história contada por seu padrinho e começa a remoê-la, de maneira a gradativamente elaborá-la mentalmente. Este é o assunto do décimo capítulo: “Tio e sobrinho”. Chega rapidamente à compreensão de que o engenhoso relojoeiro e vidente da corte do pai de Pirilipat era o próprio desembargador Drosselmeier. Em sua leitura do insólito ocorrido na noite de Natal, a menina compreende que “o que estava em jogo naquela batalha, testemunhada por ela, eram o reino e a coroa de Quebra-Nozes” (p. 71). Para ela, o jovem Drosselmeier tinha se tornado “senhor do Reino de Brinquedo” (p. 71).

O processo de elaboração da história da noz dura continua. Marie não consegue compreender porque os brinquedos permanecem imóveis dentro do armário. Sua imaginação, no entanto, é vigorosa. Dirige-se ao Quebra-Nozes, colocando-se ao seu dispor para a superação do feitiço que lhe foi imposto. Dirige-se a ele respeitosamente, chamando-o senhor Drosselmeier. Ainda que ele nada fale, a menina sente sua resposta:

Quebra-Nozes permaneceu parado em silêncio, mas Marie notou como um ligeiro suspiro soando no armário, fazendo as portas de vidro retinir de maneira quase imperceptível, mas adorável, era como se um sininho cantasse: Maria pequenina – protetora minha – serei teu um dia – Maria minha (p. 72).

Neste constante elaborar a experiência vivida na noite de Natal e a história que lhe foi contada pelo padrinho, a menina acaba por predispor-se à repetição da vivência da noite de Natal. É o que acontece no capítulo intitulado “A vitória”.

6. O insólito como forma de superação do recalque

No capítulo de número 4, sua segunda metade, “Coisa nunca vistas”, e no capítulo de número 5, “A batalha”, conforme já foi visto neste trabalho, o insólito constituiu-se como matéria-prima. Revelaram-se os dois citados capítulos como o registro de uma verdadeira noite de terror. Ela apresentou-se não como sonho da menina Marie, mas como realidade, uma vez que a mãe da criança deparou-se, no dia seguinte, com os estragos presentes na sala do armário de vidro dos brinquedos.

A história da noz dura contada pelo desembargador Drosselmeier nos capítulos de número 7, “A história da noz dura”, 8, “Continuação da história da noz dura” e 9, “Conclusão da história da noz dura”, atribuíram sentido à batalha vivenciada pela menina Marie na noite de Natal. Assim, é possível dizer que o maravilhoso, a história contada pelo desembargador Drosselmeier às crianças, trouxe significação ao não compreendido, ao incongruente, ao inverossímil, ao impossível, em suma, ao insólito apresentado nos capítulos 4, “Coisas nunca vistas” e 5, “A batalha”.

A elaboração mental do conto maravilhoso por Marie permitiu-lhe encontrar saída para o insólito antes revelado. Desta forma, o capítulo de número 11, “A vitória”, constitui-se como o duplo positivo do insólito inicial. Será ele, este segundo insólito, que permitirá o desemboque no maravilhoso final a dar conclusão feliz à história revelada pelo desembargador Drosselmeier.

Desta forma, faz-se necessário agora focar este segundo insólito que não tem mais como cenário a sala onde se encontra o armário de vidro dos brinquedos, mas o próprio quarto da menina Marie. Assim como ocorreu no primeiro insólito, as marcas de ocorrência deste segundo insólito serão constatadas pela desordem deixada na sala do armário de brinquedos e reveladas pela mãe da menina na manhã seguinte, sem que esta senhora tenha noção do que vem realmente acontecendo.

Este segundo insólito se inicia com o “despertar” de Marie no meio da noite ouvindo ruídos num dos cantos de seu quarto. Pronto, oriundo de um buraco da parede, aparece o Camundongo Rei que, depois de subir na mesinha ao lado da cama de Marie, dirige-lhe ameaça: “Hi, hi, hi... Você, sua coisinha insignificante, você tem de me dar os seus doces e o seu marzipã, se não vou destruir o seu Quebra-Nozes a mordidas... o seu Quebra-Nozes!” (p. 74). Assustada, a menina cede à determinação do camundongo. Na noite seguinte, entrega-lhe o que solicitou. O chantagista, não contente, logo lhe determina a entrega dos bonecos de açúcar e de goma. Marie Stahlbaum, cansada, reclama ao Quebra-Nozes, agora cortesmente denominado Senhor Drosselmeier: “Ah”, exclamou, dirigindo-se ao Quebra-Nozes, ‘caro

senhor Drosselmeier, o que não faço para protegê-lo! Mas está sendo muito difícil para mim...” (p. 76). É chegado o momento dos livros ilustrados e do vestido que ganhou na noite de Natal. Marie dá-se conta, no entanto, de que Quebra-Nozes tem manchas de sangue no pescoço, ou seja, de que Camundongo Rei não está cumprindo com o combinado. Assustada, toma-o em suas mãos e, ao limpar suas manchas, nota que Quebra-Nozes ganha vida e lhe diz:

“Oh, mais valorosa das donzelas, *mademoiselle* Stahlbaum... amiga excelente, como posso lhe agradecer tudo o que fez por mim? Não, por minha causa não deve abrir mão dos seus livros ilustrados, do seu vestido de Natal... apenas me arranje uma espada, uma espada é tudo de que preciso, caso ele...” (p.79-80).

Note-se que este segundo momento do insólito é bem distinto do primeiro no qual as cenas horripilantes da batalha entre Camundongo-Rei e Quebra-Nozes e seus sequazes eram descritas. Aqui se fala delas, ou seja, do fato de Camundongo Rei ter roído os doces de Marie e o seu marzipã, bem como seus tão queridos bonecos de açúcar e de goma, mas as cenas não são mostradas, não são apresentadas como cena, mas como sumários. Igualmente, não é apresentada a batalha entre os oponentes e a vitória final do Quebra-Nozes sobre o Camundongo Rei. Dela tem-se notícia pelas palavras do Quebra-Nozes dirigidas a Marie depois da sinistra luta, depois de ter, delicadamente, batido à porta de seu quarto:

“Excelentíssima *mademoiselle* Stahlbaum, melhor das donzelas, não tenha medo de abrir a porta... pois trago uma boa notícia!” [...] Foste tu e somente tu, ó minha dama, a insuflar-me a valentia e dotar o meu braço de força para enfrentar o feroz oponente que se atreveu a insultar-te! Encontra-se ferido de morte, o traçoeiro Camundongo Rei, debatendo-se no sangue! Rogo-te, minha dama, não recusar a marca da vitória das mãos de teu cavaleiro, a ti dedicado até a morte!” (p. 82).

Aqui termina a batalha entre os dois oponentes. Para comemorá-la, Quebra Nozes convida a pequena Marie para uma imersão no fantástico que, em verdade, é um país das maravilhas. Nele os dois se adentram não pela toca do coelho, mas pela manga do casaco de pele de raposa do superintendente de medicina, senhor Stahlbaum, pai da menina Marie. Feliz por ter cumprido com a tarefa que lhe fora atribuída por seu pai – “Já que gostou tanto do nosso amigo Quebra-Nozes, querida Marie, você ficará encarregada de cuidar dele e protegê-lo, mesmo que Luise e Fritz tenham tanto direito a ele como você, como eu disse” (p. 23) – a menina, comemora, sem o saber, a superação do recalque.

7. O desemboque no maravilhoso

Como em outras partes do livro, Marie recicla os acontecimentos vividos. O Reino de Brinquedos, para onde é levada pelo amigo, está repleto de elementos familiares que servirão para compor o quadro de recompensas obtidas pela gratidão de seu amado Quebra-Nozes. O adentramento neste reino dá-se pelo “velho e imponente guarda-roupa que ficava no corredor principal” (p. 84), mais especificamente pelo casaco de pele de raposa do pai da menina, cujas borlas puxadas pelo Quebra-Nozes fazem descer uma esguia escada de madeira pela qual os dois sobem. O Reino de Brinquedo no qual se adentram é composto por vários povoados

como Pãodélia, Bombonécio, Papelândia. Passam pelo Portal das Amêndoas e Passas, construção feita de bolo com confeitos de amêndoas e uvas-passas. Caminham por uma trilha de pastilhas doces, entram em um bosque de árvores de natal e ouvem música e assistem à dança de pastores e pastorinhas, caçadores e caçadoras de açúcar (aqueles mesmo sacrificados ao Camundongo Rei), bailarinos de uma caixinha de música... Navegam por rios de suco de Laranja e limonada, nos quais crianças pescam peixinhos de amêndoas. Veem chegar os carregamentos de papel de bombom e chocolates e chegam a um lago de elos cisnes igual ao do castelo que Drosselmeier presenteia Fritz e Marie no início do conto.

Na capital do Reino de Brinquedos, o mundo maravilhoso continua sendo descrito. É interessante notar que as realidades descritas têm elementos em comum com o mundo de Marie. Assim, as princesas, irmãs do Quebra Nozes, são da mesma estatura da boneca Clarinha. Outros brinquedos registram os valores do mundo dos adultos, sendo de cristal, porcelana, ouro, prata... Há ainda aqueles feitos de alimentos saborosos, como o Portal das Amêndoas e Passas, o Riacho da Laranja, a Torrente da Limonada, o Rio de Mel...

Em meio à caminhada pelas ruas da capital do Reino de Brinquedos, a pequena Marie se surpreende ao ver nas perfumadas ondas de rosas “um rosto de moça meigo e harmonioso que lhe sorria” (p. 92). Para ela, tratava-se do rosto da princesa Pirlipat. Revela tal fato ao Quebra-Nozes, agora príncipe deste reino, que galantemente lhe responde: “Ó melhor das donzelas, *mademoiselle* Stahlbaum, esta não é a princesa Pirlipat, mas a senhorita mesma, é sempre e só a senhorita, e é o seu próprio rosto adorável que sorri docemente de cada onda de rosas” (p. 92-93). A leitura de tal passagem remete de imediato o leitor para afirmação feita por Dindo Drosselmeier ao final do capítulo “Tio de sobrinho”:

“Ah, Marie, você é privilegiada, mais que eu e todos nós. Você é uma princesa de nascença, como Pirlipat, e reina sobre um magnífico e intocado país. Mas vai sofrer um bocado se quiser tomar as dores do deformado Quebra-Nozes, já que o Camundongo Rei o persegue incansável e implacavelmente por toda parte. E não sou eu quem pode salvá-lo, mas você, só você... Seja firme e leal” (p. 73).

A primeira etapa do feitiço já foi vencida, conforme relata o próprio príncipe no momento em que apresenta Marie a suas irmãs:

“Esta é *mademoiselle* Marie Stahlbaum, filha de um ilustre superintendente de medicina. Ela salvou minha vida! Se não tivesse arremessado a pantufa na hora certa, se não tivesse me munido com a espada do comandante aposentado, eu agora estaria estirado em meu túmulo, dilacerado pelas mordidas do Camundongo Rei. Oh, essa senhorita Stahlbaum! Pode a Princesa Pirlipat se igualar a ela em beleza, bondade e virtude, mesmo sendo de berço de uma princesa? Não, digo eu; não!” (p. 99)

Em meio às palavras do Quebra-Nozes e em meio à pilação de confeito de açúcar, uma vez que passou a ajudar as irmãs do príncipe Quebra-Nozes na cozinha do castelo, a pequena Marie sente-se gradativamente desligar-se, flutuar, juntamente com seus companheiros, príncipe, princesas, pajens, até começa a cair, cair... até acordar em sua cama, tendo ao lado sua mãe. É o retorno do maravilhoso ao sólito de seu cotidiano.

8. Retorno ao real ficcional

Uma vez de volta ao sólito cotidiano, Marie, para quem real e maravilhoso não se diferenciam, quer contar suas aventuras no Reino do Brinquedo. Como de costume, ninguém a leva a sério. Resta-lhe apenas a possibilidade de devaneios às escondidas. É o que acontece certo dia, tendo sido, sem que o soubesse, surpreendida pelo desembargador, seu padrinho. Diante do armário, Marie fala bem baixinho ao seu Quebra-Nozes: “Ah, meu caro senhor Drosselmeier, se agora estivesse realmente vivo, eu não faria como a Princesa Pirlipat; eu não o teria rejeitado só porque deixou de ser um jovem bonito por minha causa!” (p. 104)

O desembargador se aproximou de Marie e, quando lhe dirigia a palavra, “ouviu-se um estampido e um baque tão forte, que Marie caiu desmaiada da cadeira” (p. 104). Quando acordou, qual não foi sua surpresa quando a mãe lhe anuncia a chegada de Dindo Drosselmeier acompanhado de seu sobrinho de Nurembergue. Quando a sós com a menina, o antigo Quebra-Nozes declarou-lhe seu amor, ela correspondeu a declaração dele. E, à maneira dos contos de fadas, casaram-se e viveram felizes para sempre. Ao término da história lê-se: “E contam que Marie é até hoje rainha de um país onde por toda parte se podem ver luminosos Bosques Natalinos, Castelos de Marzipã transparentes, em suma, as coisas mais esplêndidas e maravilhosas, se tivermos olhos para isso” (p. 106).

9. Conclusão

Dissemos, na Introdução deste trabalho, que Freud, em 1919, debruçou-se sobre conto de E. T. A. Hoffmann intitulado “Der Sandmann” (1817), traduzido no Brasil como “O homem da areia”. Uma de suas conclusões foi a de que, conforme sua leitura de Schelling, o *Unheimlich* era aquilo que deveria ter permanecido oculto e veio à tona. Aquilo que se tornou oculto, resultado de um recalque, é uma experiência não resolvida no ato e que se tornará o moto dos acontecimentos na história. Na experiência do recalque, do sentimento que se oculta e retorna para atormentar seu dono, se encontra a similaridade entre o conto analisado pelo psicanalista e o “Quebra-Nozes & Camundongo-Rei”. Vendo essa forte semelhança, achamos por bem empreender leitura analítica desta segunda obra, atendo-nos à estrutura da mesma.

Se no “Homem da Areia”, o que estava oculto, era o recalque de uma experiência traumática de infância, no “Quebra-Nozes e Camundongo-Rei” era a missão de proteger o Quebra-Nozes, dada à Marie por seu pai, e que resultou em fracasso logo de início com os danos causados por Fritz ao brinquedo. Marie frustrou-se por não poder cumprir com o pedido de seu pai de cuidar do Quebra-Nozes e este recalque desencadeou o surgimento de acontecimentos insólitos na primeira narrativa.

O personagem Drosselmeier, padrinho de Marie, pertencente tanto ao mundo corriqueiro da família Stahlbaum quanto ao do insólito mundo do Quebra-Nozes, conta a Marie a segunda narrativa, a narrativa encaixada da Noz dura Krakatuk. Nela apresenta a origem do Quebra-Nozes como o resultado de um feitiço e a forma de se quebrar este encanto: ele deve vencer o Camundongo-Rei e ganhar o amor de uma dama. Os elementos desta narrativa maravilhosa são instrumentalizados por Marie para vencer seu recalque. O cumprimento das condições do desencantamento do Quebra-Nozes no insólito permitem que Marie resolva satisfatoriamente no real ficcional o encargo atribuído por seu pai: o Quebra-Nozes foi salvo e o recalque foi superado.

Referências bibliográficas

- BLAMIRE, D. E. T. A. Hoffmann's Nutcracker and Mouse King. In: *Telling Tales: the impact of germany on english children's books 1780-1918*. Cambridge, UK: Open Book Publishers, 2009. p. 223-244.
- CARVALHO, Bruno B. Sobre este livro. In: HOFFMANN, E. T. A. *Quebra-nozes e Camundongo Rei*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2011, p. 118-122.
- CESAROTTO, O. *No olho do outro: "O Homem da Areia"*, segundo Hoffmann, Freud e Gaiman. São Paulo: Iluminuras, 1996.
- CESERANI, R. *O Fantástico*. Tradução de Nilton Cezar Tripadalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.
- FREUD, S. O Inquietante. In: *Obras Completas*. v. 14. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 328-376.
- GODINHO, J. et al. Análise da estrutura do sujeito psíquico em comparação com dois personagens literários. In: *Psicologia Argumento*, 2009 jan./mar., 27, (56) 35-43.
- HOFFMANN, E. T. A. *Quebra-nozes e Camundongo Rei*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2011.